

MINISTÉRIO DO TURISMO,  
SECRETARIA MUNICIPAL DE  
CULTURA DE SÃO PAULO E PIVÔ  
APRESENTAM

EXPOSIÇÃO / *EXHIBITION*  
26 MAR-17 JUL  
QUA A DOM 13-19<sup>{h}</sup>  
MAR 26<sup>{t,h}</sup>-JUL 17<sup>{t,h}</sup>  
WED TO SUN 1-7<sup>{p,m}</sup>

# VOU PARA

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL /  
*SOLO EXHIBITION*  
*PAULO NAZARETH*

CURADORIA / *CURATED* <sup>{b,y}</sup>  
DIANE LIMA E  
FERNANDA BRENNER

PIVÔ

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA  
LIVRE / *VERIFY INDICATIVE*  
*CLASSIFICATION*

GRATUITO / *FREE ENTRY*

WWW.PIVO.ORG.BR

EDIFÍCIO COPAN  
AV. IPIRANGA 200, LOJA 54  
BLOCO A  
SÃO PAULO



DINHEIRO ACABA, 2015

Vuadora na fonte, vuadora na nuca, vuadora na cacunda, na testa e entre o queixo e a mandíbula, vuadora no peh da orelha...<sup>1</sup>

Esta exposição começou com uma pergunta: como olhar de maneira revisional para a vasta produção de Paulo Nazareth – Arte Contemporânea/LTDA? VUADORA, mostra panorâmica do artista no Pivô, é, sobretudo, uma tentativa de acompanhar o ritmo e a ginga entre corpos, palavrões e caminhos históricos, geopolíticos e linguísticos que têm sido o fio condutor da trajetória de Nazareth desde que este adotou, no início dos anos 2000, o sobrenome que, na verdade, é nome próprio e ancestral:

*Sou o Paulo. Me chamo Paulo Nazareth. Esse Nazareth é pela mãe da minha mãe. Então, Nazareth é um nome e não um sobrenome. Nazareth Cassiano de Jesus. Nascida lá no Vale do Rio Doce, de origem Borum. Ser Nazareth é ser meu trabalho. Esse me tornar. Então quando eu passo a me nomear Paulo Nazareth isso também é meu trabalho. Eu passo a carregar esse ancestral. Minha avó passa a ser essa espécie de carranca, né? Essa proteção. Esse Egum que anda comigo e que me protege. Isso eu começo a carregar comigo...<sup>2</sup>*

O tempo da mostra é o tempo espiralar reivindicado pelo artista através de suas andanças pela América Latina e pelo continente Africano; um tempo medido e narrado através das memórias do corpo e de sua capacidade performativa, e que embaralha, deliberadamente, qualquer leitura linear ou cronológica. Na exposição, encontramos o primeiro e o último trabalho de Nazareth, mas talvez não possamos chamá-los assim; talvez o primeiro e o último sejam estes e outros. Talvez o primeiro contenha o último e vice-versa. Seus trabalhos, como ele próprio, contêm muitos outros; são feitos de matéria coletiva.

Ao combinar obras emblemáticas, muitas delas nunca vistas antes no Brasil, outras que nunca tinham saído de seu ateliê em Palmital, Santa Luzia (MG), e um grupo de novas obras, de fato confirmamos a impossibilidade de recorrer ao tempo linear como marcador histórico para explicar a prolífica obra de Nazareth. O artista nos convida, antes de tudo, a reconsiderar gramáticas, parâmetros e cartografias. Para ele, viver em estado de deslocamento é também recusar as estruturas que o circunscrevem e definem como indivíduo, cidadão e artista. Em seu trabalho, cenas de autodefesa complexificam esses marcadores e são atualizadas na mesma velocidade que a violência perpetrada pelo capital racial global.

O vocabulário visual de Nazareth é deliberadamente fragmentado, ou, mais precisamente, em processo constante de elaboração. As hashtags que acompanham as legendas expandidas da mostra uma tentativa coletiva de contribuir com seu amplo léxico. As séries de palavras e imagens criadas e

manipuladas pelo artista nos apresentam a possibilidade de um futuro que desafia a narrativa que define a existência negra e indígena como um “excesso que sempre-já justifica (torna justa) a violência racial”<sup>3</sup>. Ao abordar as relações de poder de maneira não prescritiva, Nazareth evoca histórias de lutas e de resistência que persistem na atualidade. Seus trabalhos são, ao mesmo tempo, um conjunto de fatos, histórias e personagens à margem do cânone histórico e uma manifestação do conhecimento afro-indígena na arte contemporânea brasileira. Desde o início de sua prática, o artista vem combatendo políticas de apagamento e as falsas dicotomias entre o que é percebido como popular e a arte contemporânea. Neste sentido, ao mostrar uma série raramente vista de esculturas em madeira e artefatos, VUADORA destaca a importância de uma das principais referências de Nazareth, Mestre Orlando, escultor de carrancas e mentor do artista, nas incansáveis contra narrativas que o artista vem construindo nas últimas duas décadas.

O projeto de exposição e a expografia de VUADORA refletem os movimentos multidimensionais e o pensamento fragmentado de Paulo Nazareth. Concebida como um diálogo aberto, seu formato revela como a “fuga” é uma operação constante realizada pelo artista; a fuga enquanto estratégia, a opção pelo que é fugaz e ao mesmo tempo preciso. No espaço sinuoso do Pivô, o mandingueiro e o ativista se entrelaçam e se soltam. Seus filmes, performances, intervenções, pinturas, desenhos, instalações e esculturas, como paisagens de memória, parecem se mover e se resignificar em cada contexto em que são exibidos.

Nesse sentido, a VUADORA permanece no ar. Não busca uma saída fácil, não é uma promessa, projeto e nem a espera do porvir. VUADORA é o que já somos, a movida e o movimento. É o jogo, a brincadeira, o troca-língua e a ironia de uma visualidade que se faz a partir de uma encruzilhada exuística e semântica. Tomando forma no tempo do contado e do vivido, VUADORA são os vários movimentos onde esse exercício de autodefesa se cruza e se bifurca apesar do que o cerca. E, como diz Fred Moten<sup>4</sup>, ao se mover apesar e através do que o cerca, vemos a cerca se mover junto com o artista para fora e além do assentamento.

Por fim, e não somente, VUADORA é feitiço e *arruazsa*. O espaço do Pivô, em toda sua extensão, não dá conta do arsenal linguístico e visual de Paulo Nazareth: sua produção transborda para e além do edifício, da cidade e, esperamos que também para além da duração desta exposição.

DIANE LIMA E  
FERNANDA BRENNER

1. Títulos individuais das pinturas da série *Vuadora*.

2. <https://labcult.eci.ufmg.br/epistemologiacomunitaria/index.php/paulo-nazareth/>

3. SILVA, Denise Ferreira da. *A Dívida Impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política and Living Commons, 2019, p.80.

4. HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. *The undercommons: Fugitive planning and black study*. New York: Minor Compositions, 2013.

Vuadora [flying kick] to the source, vuadora to the neck, vuadora to the back, to the forehead, to the chin and jawbone, vuadora to the top of the ear...<sup>1</sup>

This exhibition stems from the question: how do we look back at the prolific practice of Paulo Nazareth – Arte Contemporânea/LTDA? VUADORA, Paulo Nazareth's panoramic exhibition at Pivô, is above all an attempt to keep up with the rhythm and swing between bodies, words, and historical, geopolitical, and linguistic paths that have been the driving force behind the artist's trajectory since the beginning of the 2000s, when he adopted the surname Nazareth, an ancestral forename:

*I am Paulo. My name is Paulo Nazareth. Nazareth comes from my mother's mother. Nazareth is a forename not a surname. Nazareth Cassiano de Jesus. Born in Vale do Rio Doce, of Borum origin. To be Nazareth is to be my work. To become. I carry the ancestral. My grandmother becomes a sort of carranca<sup>2</sup>, a figurehead, you know? A sort of protection. An Egum entity walking with me while offering protection...<sup>3</sup>*

The exhibition time is the spiral time that the artist has pursued across his travels in Latin America and Africa; a time that is measured and narrated via the body's memories and performative ability, and that deliberately precludes linearity. Thus, any attempt at a chronological reading seemed pointless in VUADORA. In the show, we find Nazareth's first and last works but perhaps this is not what they are, perhaps they are those and others. It could be that the first contains the last and vice-versa. Like the artist himself, the works on view contain many others; they are made of collective matter.

By combining emblematic works, many of them never seen before in Brazil, others that had never before left his studio in Palmital, Santa Luzia (MG), and a group of new works, we indeed confirmed the impossibility of resorting to linear time as a historical marker to explain Nazareth's oeuvre. Above all, Nazareth invites us to reconsider grammar, parameters, and cartographies. For him, to live in a state of displacement is also to refuse the ever-violent structures that circumscribe and define him as an individual, a citizen, and an artist. In his work, scenes of self-defense complexify these markers and are updated at the same speed as the violence perpetrated by the global racial capital.

Nazareth's visual vocabulary is deliberately fragmented, or perhaps more accurately, "in the making". The hashtags accompanying the exhibition's expanded subtitles are a collective effort to contribute to his broad lexicon. His ongoing series of words and images presents us with the possibility of a future that challenges the defining narrative of Black and Indigenous existence as an 'excess that always already justifies (makes just) racial violence'<sup>4</sup>. By spotlighting power relations in non-prescriptive ways Nazareth evokes a recount of difficult histories of struggles and resistances that remain current in post-colonial societies. His pieces are at the same time a gathering of facts, stories, and characters at the margin of the historical canon, and a visual manifestation of the afro-indigenous knowledge underscoring contemporary Brazilian art. Since the beginning of his practice, the artist has been fighting erasure policies and raising awareness of the false dichotomies between what is perceived as popular or outsider and contemporary art. In this sense, by showing a rarely seen series of wood-carves and handmade artifacts, Vuadora highlights the importance of one of Nazareth's key references, Mestre Orlando, a master carranca sculptor, and his mentor

for years in the restless counternarrative Nazareth have been building for the past two decades.

VUADORA's exhibition design and placement of the works reflect Paulo Nazareth's multidimensional movements and fragmented thinking. Conceived as an open-ended dialogue, its format is revealing of how "escape" is a constant operation performed by the artist; an ever-spellbinding escape, fleeting and precise as the best "mandigueiros"<sup>5</sup> do. The artist has been recurring to escape as methodology throughout his entire oeuvre. His films, found-object assemblages, performances, interventions, paintings, drawings, installations, and sculptures, like landscapes of memory, seem to gain new or expand their meaning in each context they are displayed.

VUADORA does not seek an easy way out, does not promise or project anything. VUADORA is already here, is what we already are: bodies in motion but not yet in tune. It is the game, the play, the tongue twister, the irony of a visuality felt from an Exu-ian and semantic crossroads. Taking shape in the time of the already told and experienced, VUADORA becomes new at each visit, it traverses, it splits, and like Nazareth, it is never fully revealed. As Fred Moten<sup>6</sup> suggests: to move through and despite what encloses us also means to move the walls out of and beyond the enclosure.

VUADORA is both spell and riot (arruazsa). There isn't enough space at Pivô to enclose Paulo Nazareth's linguistic and visual arsenal. His practice overflows out of and beyond the building, the city and, we hope, the exhibition duration.

DIANE LIMA AND  
FERNANDA BRENNER

1. Individual titles of paintings from the series *Vuadora*.
2. A carranca is a type of figurehead attached to river craft which is attributed with power to protect the boatmen from the river's evil spirit.
3. <https://labcult.eci.ufmg.br/epistemologiacomunitaria/index.php/paulo-nazareth/>
4. SILVA, Denise Ferreira da. *A Dívida Impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política and Living Commons, 2019, p.80.
5. Sorcerer
6. HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. *The undercommons: Fugitive planning and black study*. New York: Minor Compositions, 2013.

PÉ VERMEI, 2005 [7:46"]	CUANDO TENGO COMIDA EN MIS MANOS, 2012 [7:12"]	BANDERAS ROTAS #001, 2011 [3:50"]	OLD HOPE, 2017 [1:10"]
PROJECTO LEVAR POEIRA DE AQUI PARA LÁ, 2013 [1:30"]	HUECO AL FONFO DEL RIO COLORADO, 2011-2012 [5:57"]	ONE RUPEE FOR MY COUNTRY, 2006 [19:32"]	GALINHA DA ANGOLA, 2017 [17:45"]
HASTA QUE SE PUEDA ANDAR SOBRE EL AGUA, 2013 [2:33"]	ATLAS, 2011-2012 [6:26"]	BANDERAS ROTAS #019, 2012 [3:20"]	MALOGRO, 2020 [1:01"]
PROYECTO VOYAGE OUT, 2011-2012 [1:40"]	BARRIGUDA, 2017 [2:31"]	CHANSON POUR LE VODOU, 2013 [2:03"]	DURAÇÃO TOTAL / TOTAL DURATION: 1[h]45

EQUIPE DE EXPOSIÇÃO	REVISÃO / PROOFREADING PATRICIA DAVANZZO	DIREÇÃO EXECUTIVA / EXECUTIVE DIRECTOR PAULA SIGNORELLI
CURADORES / CURATORS DIANE LIMA FERNANDA BRENNER	LEGENDAS / SUBTITLES ETC PRODUÇÕES	COORDENAÇÃO EXECUTIVA / EXECUTIVE COORDINATOR CAROLINA DE SÁ
PROGRAMA DE VÍDEOS / VIDEO PROGRAM ANA ROMAN	ORIENTAÇÃO DE PÚBLICO / AUDIENCE ORIENTATION ROGER'S	COORDENAÇÃO EXECUTIVA DE PRODUÇÃO / EXECUTIVE PRODUCTION COORDINATOR JAQUELINE SANTIAGO
PRODUÇÃO EXECUTIVA / EXECUTIVE PRODUCTION JAQUELINE SANTIAGO	EQUIPE SEGURANÇA / SECURITY TEAM WMSERVICOS	COORDENAÇÃO DE PROGRAMA / PROGRAM COORDINATOR ANA ROMAN
PROJETO EXPOGRÁFICO / EXHIBITION DESIGN TIAGO GUIMARÃES	ACESSIBILIDADE / ACCESSIBILITY TEMPORAL PRODUTORA	COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL / INSTITUTIONAL COORDINATOR JÉSSICA GONÇALVES
ILUMINAÇÃO / LIGHTING SANTA LUZ	APOIO / SUPPORT MENDES WOOD DM	COORDENAÇÃO PIVÔ PESQUISA E PROJETOS ESPECIAIS / PIVÔ RESEARCH COORDINATOR AND SPECIAL PROJECTS THIEGO MONTIEL
DESIGN GRÁFICO / GRAPHIC DESIGN MARTINICA SPACE	AGRADECIMENTOS / ACKNOWLEDGMENTS JULIO NAZARETH, RAFAELLA TAMM E EQUIPE MENDES WOOD DM AND MENDES WOOD DM'S TEAM, RENATO SILVA	ZELADORIA E MONTAGEM / HEAD TECHNICIAN MATIAS OLIVEIRA
CENOTECNIA / CONSTRUCTION BRAZIL TEXTURAS OLLE CENOGRAFIA	PIVÔ AGRADECE AOS SEUS MANTENEDORES / PIVÔ THANKS ITS SUPPORTERS ALEXANDRA MOLLOF, ALMEIDA E DALE, ANA E MARCO ABRAHÃO, ANDREA E JOSÉ OLYMPIO DA VEIGA PEREIRA, ANTONIA BERGAMIN E MATEUS GOMES FERREIRA, BEATRIZ YUNES GUARITA, GOMIDE & CO, CARBONO GALERIA, COLEÇÃO COLETIVA, FABIANA BRENNER, FERNANDO MARQUES OLIVEIRA, FERNANDA DIAMANT, FORTES D'ALOIA & GABRIEL, GALERIA KOGAN AMARO, GALERIA LUISA STRINA, GALERIA MILLAN, GALERIA NARA ROESLER, GUILHERME TEIXEIRA, GRAHAM STEELE E ULYSSES DE SANTI, IVANI YUNES, JOSÉ LEOPOLDO FIGUEIREDO, MENDES WOOD DM, VERA E LUIZ PARREIRAS, VIRGINIA E DANIEL WEINBERG, VIVIEN HERTOGE E JAIRO OKRET, AQUELES QUE PREFERIRAM PERMANECER ANÔNIMOS	ATENDIMENTO AO PÚBLICO / VISITOR SERVICES DANIEL LIMA
AUDIOVISUAL FUSION		ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA / EXECUTIVE ASSISTANT LUANA LIMA
MONTADORES / ART HANDLERS FELIPPE ALBERTIN MATIAS OLIVEIRA MIGUEL FREITAS		ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO / PRODUCTION ASSISTANT MARINA SCHIESARI
PINTOR / PAINTER THARCISIO NOGUEIRA		LIMPEZA E MANUTENÇÃO / SPACE MAINTENANCE CRISTINA SERRA
ELETRICISTA / ELECTRICIAN CLEBER GARCIA		ASSESSORIA FINANCEIRA / FINANCIAL CONSULTANCY 2P FINANCEIRO
REGISTRO FOTOGRÁFICO / INSTALLATION SHOTS EVERTON BALLARDIN		ASSESSORIA JURÍDICA / LEGAL CONSULTANCY PANNUNZIO TREZZA DONNINI ADVOGADOS
DOCUMENTAÇÃO EM VÍDEO / VIDEO DOCUMENTATION PEDRO MARQUES		CONTABILIDADE / ACCOUNTANTS QUALITY CONTABILIDADE
REGISTRO ABERTURA / OPENING SHOTS MARINA LIMA	EQUIPE PIVÔ	
MONITOR / AUDIENCE ORIENTATION FELIPE SALLES	DIREÇÃO ARTÍSTICA / ARTISTIC DIRECTOR FERNANDA BRENNER	
TRADUÇÃO DE TEXTOS / TRANSLATION ADRIANA FRANCISCO		

PATROCÍNIO / SPONSOR

CO-PATROCÍNIO / CO-SPONSOR

INCENTIVADOR / INCENTIVE



PARCEIRO / PARTNER

REALIZAÇÃO / REALIZATION



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA / MINISTÉRIO DO TURISMO





DINHEIRO

A C A B A